

Folcsonomia: Vocabulário Descontrolado, Anarquitectura da Informação ou Samba do Crioulo Doido?

Frederick van Amstel

Instituto Faber-Ludens de Design de Interação

fred@usabilidoido.com.br

Resumo

Na discussão sobre a “Web 2.0”, um das questões mais polêmicas é a classificação livre com etiquetas (*tags*) atribuídas pelos usuários, o que se convencionou chamar de *folcsonomia*. Os mais otimistas acreditam que a classificação livre ganhará cada vez mais espaço, devido à sua consonância com as mudanças que estão em curso na sociedade, enquanto os pessimistas acreditam que não passa de um *hype* de curta duração, já que a *folcsonomia* não é tão eficiente para a recuperação da informação. O fato é que os projetos que adotam a *folcsonomia* estão se proliferando e chamando a atenção do mercado pelo sucesso a curto-prazo. Em consequência, os profissionais da área estão se perguntando menos se *folcsonomia* é boa ou má, mas sim em que situação é adequado a tal da *folcsonomia*. Argumentamos aqui que a *folcsonomia* é mais do que uma mera estratégia de classificações e sim também uma estratégia de identidade cultural, particularmente apropriada para redes sociais, mediando a relação do indivíduo com as esferas pública e particular de sua vida.

Web 2.0 e a busca pela identidade

A World Wide Web foi criada para mediar atividades acadêmicas, mas o uso para atividades de outra natureza forçou transformações em seu modo de funcionamento. Recentemente, intensificaram-se os debates sobre as mudanças na sociedade que acompanham o desenvolvimento da Internet, os modelos de negócio de iniciativas comerciais, os novos requerimentos técnicos e o conteúdo da Web. Os entusiastas chamam o novo paradigma de *Web 2.0* (O'Reilly, 2005).

Dentro dessa discussão, um tema recorrente é a participação dos usuários, tanto na geração de conteúdo quanto no próprio desenvolvimento das ferramentas para seu compartilhamento. *Websites* novos e existentes passaram a oferecer ferramentas de publicação de conteúdo ao alcance de usuários leigos em linguagens de programação, bem como ferramentas de extensão e remixagem para os que estão familiarizados com essas linguagens. A participação dos usuários foi essencial para que *websites* como Slashdot, Wikipedia e MySpace figurassem entre os mais acessados da Web, concorrendo com grandes portais alimentados por editores profissionais.

As mudanças da *Web 2.0* não estão ocorrendo por acaso. Trata-se de um dos desdobramentos de uma mudança de maiores proporções. Refletindo sobre o papel da tecnologia na globalização, Jesus Martín-Barbero observa que a tecnologia está alavancando mudanças não por vontade das empresas multinacionais ou do imperialismo de uma nação: “Trata-se, isso sim, do início de uma nova configuração cultural, da articulação das identidades a partir de uma racionalidade tecnológica que se constitui em motor de uma nova sociedade”. (Martín-Barbero, 2002, p.181) Nas grandes cidades, as pessoas perderam a sensação de pertencimento a uma comunidade geograficamente localizada, como o bairro, a cidadezinha do interior, a comunidade alemã local, e passaram a buscar identificação com as comunidades transnacionais cujo espaço se encontra na mídia globalizada, como as tribos dos chamados Clubbers, Emos, Straightedges, RPGistas e etc. É devido à essa busca pela identidade que as pessoas, em especial os

jovens, estão cada vez mais interessados em participar da mídia. Ela representa a conquista de espaço para afirmação perante seu grupo e a sociedade. Nesse processo, o indivíduo nega a identificação com uma comunidade massificada, a comunidade global ou nacional para o qual se dirige as mídias de massa como a televisão, e procura uma identidade “única” misturando elementos de diferentes comunidades imaginadas, como as que se manifestam no Orkut, por exemplo.

Essa contradição entre a esfera privada e pública na busca pela identidade é de suma importância para entender o fenômeno da proliferação da *folcsonomia*, pois esta não resolve a contradição, senão que a complexifica.

Origem e proliferação da folcsonomia

O termo *folcsonomia* foi cunhado por Thomas Vander Wal numa lista de discussão sobre Arquitetura da Informação em 2004. Na época, os profissionais da área estavam atentos e curiosos sobre a estratégia de classificação inovadora que *websites* como Del.icio.us e Flickr adotavam. Os usuários destes websites enviavam suas contribuições de conteúdo juntamente com qualquer palavra-chave descritora que quisessem. Estas *tags* ou etiquetas eram usadas para posterior recuperação da informação, sem qualquer controle por parte do *website*. Na lista de discussão, Eric Scheid propôs o termo “folk classification” e Thomas Vander Wal complementou com “folksonomy”, aglutinando o termo “folk”, do germânico “povo”, e “taxonomy”, do grego “regra de divisão”¹. Vander Wal conta que a idéia não era nova:

“Eu sou fã de sistemas de rotulagem e etiquetagem desde o fim dos anos 80 depois de ver um colega de trabalho fazer mágica com o Lotus Magellan (...) Nos anos 90, as pessoas

¹ No presente artigo, optamos por traduzir o termo *folksonomy* como *folcsonomia* devido ao aportuguesamento eficaz das palavras *folklore* como folclore e *taxonomy* como taxonomia.

podiam adicionar palavras-chave em documentos e objetos que eles enviavam para as bibliotecas de fóruns da CompuServe e o operador do sistema tentava manter as palavras enquanto adicionava termos relevantes de um vocabulário controlado. Entre 1999 e 2000 serviços de etiquetagem, como o Bitzi vieram para a web e deram a oportunidade dos usuários contribuírem com etiquetas e descrições.” (Vander Wal, 2007, tradução livre)

Para Vander Wal, o Bitzi não tinha uma característica crucial para uma *folcsonomia*: a identidade do colaborador. Não havia como saber quem havia etiquetado um recurso, informação importante para entender o que o colaborador queria dizer com aquele termo.

A *folcsonomia* se tornou popular a partir do momento em que foi lançado o Del.icio.us, um serviço de *bookmarking online* centralizado no indivíduo. Este serviço nasceu a partir de necessidades bem pessoais. David Weinberger (2007) conta que Joshua Schachter, o criador do Del.icio.us tinha uma coleção de 20.000 *links* guardados num arquivo de texto cuidadosamente acrescidos de etiquetas, a partir das quais Schachter buscava no arquivo e recuperava os links. Para compartilhar estes links com os amigos, Schachter construiu um website chamado Muxway. Ao perceber que seus amigos também tinham encontrados *links* interessantes, Schachter abriu o Muxway para as contribuições dos amigos. Em 2003, Schachter aproveitou sua experiência com o Muxway e lançou o Del.icio.us. Schachter descreve seu sistema como um “amplificador da memória”, que permite ao usuário guardar as *urls* relevantes que encontra navegando pela Web, compartilhar com os amigos e descobrir outros *links* interessantes que pessoas desconhecidas classificaram com as mesmas etiquetas. A interação dos usuários com o sistema pode ser resumida na Figura 1.

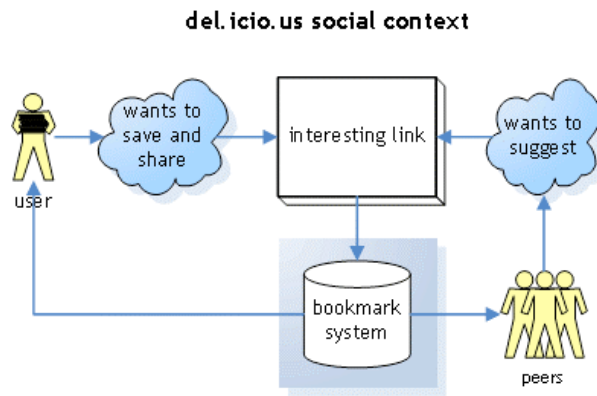


Figura 1 - Contexto social de uso do serviço Del.icio.us

Num cenário de uso típico, o usuário guarda alguns *links* no sistema acrescidos de etiquetas e, posteriormente, utiliza estas mesmas etiquetas para reencontrá-los, seja através da listagem de todos os *links* marcados com uma determinada etiqueta, seja pela entrada da etiqueta na ferramenta de busca. Inicialmente, os usuários não se dão conta da importância de adicionar etiquetas relevantes aos *links* e negligenciam a tarefa, mas quando tentam reencontrar os *links* percebem que elas servem para algo. A partir daí, o usuário começa a adicionar todas as etiquetas que lhe vêm à mente no momento da inclusão do link.

Rashmi Simha (2005) observa que o processo mental de classificação com etiquetas exige menos do usuário, já que não é preciso escolher opções relevantes dentro de uma lista pré-definida. É como se, na figura 2, que representa o processo de decisão para categorizar um elemento dentro de uma taxonomia, fosse pulado o estágio 2, onde é escolhida qual das categorias melhor se aplica ao elemento. As associações surgiriam e seriam imediatamente traduzidas em etiquetas, sem considerar se estas estariam de acordo com um esquema maior de classificação.

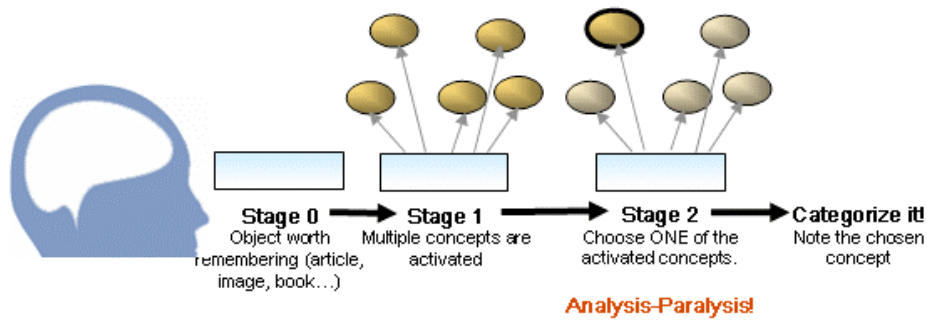


Figura 2 - Processo cognitivo da classificação taxonômica (reproduzido de http://www.rashmisinha.com/archives/05_09/tagging-cognitive.html)

Nesse esquema não haveria contradição entre a esfera privada e pública, sendo o processo exclusivamente individual. O único dilema possível na hora da escolha das etiquetas seria a consistência com as etiquetas utilizadas anteriormente pelo usuário: usar sempre a mesma etiqueta para um determinado assunto, não usar etiquetas ambíguas, manter a quantidade de etiquetas num nível administrável e etc. Entretanto, alguns meses após propor o esquema, Simha (2006) reconheceu que o processo se torna também social quando o usuário percebe a existência de *tags streams*, ou seja fluxos de *links* que são adicionados ao sistema como uma determinada etiqueta por diversos usuários. O usuário passaria, então, a ser influenciado pelas etiquetas escolhidas pelos outros usuários.

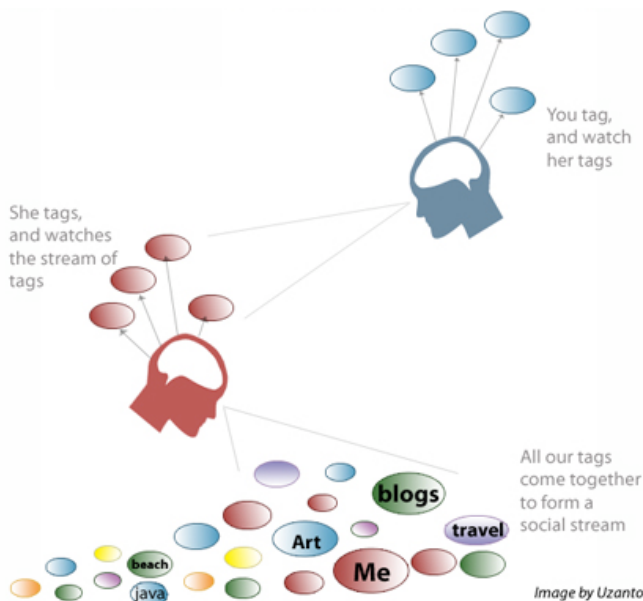


Figura 3 - Interação entre usuários na classificação por etiquetas (reproduzido de http://www.rashmisinha.com/archives/06_01/social-tagging.html)

Visando manter a consistência no uso das etiquetas, Joshua Schachter adicionou sugestões de etiquetas à tela de inclusão de *links* no Del.icio.us em duas linhas separadas: as etiquetas que o usuário costuma usar para itens similares e as etiquetas mais usadas por todos os usuários para aquele item. Tal implementação pode parecer eficaz para esse intento, mas não resolveu a contradição entre o público e o privado. Por mais que os usuários passem a utilizar as mesmas etiquetas, eles nunca entrarão em acordo sobre o significado de tais etiquetas. A consequência é que alguns usuários considerarão inapropriados certos *links* numa *tag stream*, enquanto outros considerarão ridículas as sugestões de etiquetas populares. As associações que as pessoas fazem são diferentes porque a experiência de vida de cada uma é diferente. Porém, quando as experiências são compartilhadas, a chance de associações similares é maior.

Num estudo realizado a partir da base de dados dos usuários do Flickr, um sistema que também usa etiquetas, Marlow et al. (2006) encontraram uma correlação entre o compartilhamento de etiquetas e a proximidade entre os usuários. No Flickr, os usuários podem adicionar outros usuários como contatos e, assim, formar sua rede social. No gráfico da figura 4, a linha pontilhada demonstra que há pouco compartilhamento de etiquetas entre usuários relacionados randomicamente, enquanto a linha vermelha demonstra que o compartilhamento é maior entre os relacionados como contatos.

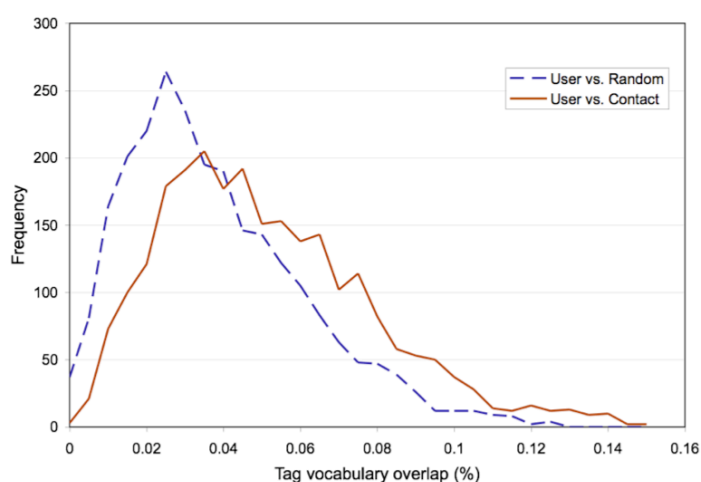


Figura 4 - Compartilhamento de etiquetas entre usuários do Flickr. Marlow et al. (2006)

Marlow et al acreditam que esta correlação deve se dar em função da similaridade das situações (uma viagem) ou contextos (um local) vividos pelos usuários e do vocabulário próprio de uma comunidade ou grupo a que os usuários fazem parte.

Aqui é preciso esclarecer que o Flickr se propõe, primariamente, ao compartilhamento de fotos, enquanto o Del.icio.us, ao armazenamento de *links*. Embora ambos sirvam às duas atividades — armazenamento e compartilhamento, uma delas é preponderante sobre a estrutura de uso dos *websites*. No Del.icio.us, vimos que as pessoas percebem o valor das etiquetas quando precisam recuperar *links*; já no Flickr, o valor aparece quando elas percebem que as etiquetas que elas atribuem afetam a *encontrabilidade* de suas fotos por outras pessoas. Ao contrário do Del.icio.us, existem ferramentas de organização de fotos para o ambiente *desktop* como o Picasa ou o iPhoto que são mais práticas do que o Flickr, porém, as fotos ficam confinadas ao computador do usuário. A motivação para usar o Flickr é, portanto, compartilhar fotos com outras pessoas e, quando as pessoas percebem que as etiquetas afetam esse compartilhamento, elas passam a utilizá-las com tal finalidade.

Além das *tag streams*, o Flickr oferece outra funcionalidade para agregar fotos compartilhadas: os grupos. Os usuários podem criar grupos públicos abertos em que qualquer um pode participar, grupos públicos em que apenas os convidados podem participar e grupos privados, que não são vistos por ninguém mais a não ser seus integrantes. As fotos podem ser enviadas pelo seu dono para qualquer um dos grupos. Os participantes dos grupos costumam utilizar o espaço de comentários de fotos que interessam ao grupo para convidar quem ainda não participa do grupo a incluir a foto no grupo. Entre os participantes dos grupos é comum a utilização de certas etiquetas, seja por imitação, seja pela força de regras. No grupo “Live music UK”, que agrupa fotos tiradas em shows musicais no Reino Unido, os interessados são advertidos a lerem as regras antes de postarem fotos ao grupo:

- Regra 1: Etiquetar todas as imagens com “UK”

- Regra 2: Etiquetar todas as imagens com o nome dos artistas
- Regra 3: Não há regra 3
- Regra 4: Etiquetar todas as imagens com o local
- Regra 5: Quando deixar comentários, adicione nossas iniciais LMUK

O moderador do grupo deixou uma mensagem na área de discussão do grupo dizendo que algumas pessoas não estão seguindo as regras e elas serão expulsas do grupo se continuarem a ignorá-las. Como alerta, o moderador se deu o trabalho de adicionar as etiquetas faltantes às fotos de alguns participantes, avisando-os nos comentários das fotos de que havia feito isso. Questionado sobre a utilidade da regra 5 por um participante, o moderador explicou que é apenas uma recomendação para que os participantes do grupo saibam que um comentário em sua foto foi deixado por um outro participante do grupo.

Outra apropriação criativa das etiquetas é feita pelo grupo “DeleteMe!”, onde é possível enviar fotos para o crivo crítico dos participantes. Os participantes do grupo fazem seu julgamento adicionando etiquetas às fotos: “saveme” ou “deleteme”, acompanhadas de um número. Se chegar a “deleteme10” antes de “saveme10”, a foto é removida do grupo. As fotos selecionadas recebem a etiqueta “savedbythedeletemegroup” e podem ser admitidas no glorioso grupo “THE SAFE”, que agrupa fotos que passaram pelo crivo.

A *folcsonomia* foi implementada pelos desenvolvedores e apropriada pelos usuários diferentemente no Del.icio.us e no Flickr, os exemplos paradigmáticos desse tipo de estratégia de classificação. Em outros *websites* como Overmundo, Youtube, Blogger, Technorati, MySpace, Consumating, Last.fm e Stylehive a *folcsonomia* se manifestou de forma diferente. Podemos apontar em comum a estes serviços: a enorme diversidade e quantidade de conteúdo gerado pelos usuários; a participação de diferentes grupos sociais com interesses distintos; e a motivação dos usuários em se encontrar e compartilhar informações.

Aplicabilidade da folcsonomia

O crescimento vertiginoso dos *websites* que adotaram a *folcsonomia* demonstra que se trata de uma estratégia promissora para a classificação de informações na Web. Após cerca de três anos de existência, Del.icio.us e Flickr continuam crescendo dentro de seus nichos de mercado: *geek-internautas* e amantes da fotografia. Segundo Weinberger (2007, p.94), os usuários do Flickr já enviaram 225 milhões de fotos e adicionaram 5,7 milhões de etiquetas diferentes. O Del.icio.us, por sua vez, informou ter registrados mais de 1 milhão de usuários em setembro de 2006.

Tais *cases* tem repercutido questionamentos sobre a aplicabilidade da estratégia em outras situações. Num artigo polêmico, Clay Shirky (2005) declara que as estratégias de classificação baseadas no controle centralizado, definições estritas e consistência estão obsoletas para a demanda do mundo atual. Conforme a produção e disseminação de informação se torna cada vez mais distribuída entre diversas fontes, sejam organizações ou indivíduos, o conteúdo se diversifica e as visões de mundo também. Não há como forçar toda essa diversidade a se encaixar numa única estrutura, como o diretório de *links* do Yahoo, por exemplo. O conhecimento evolui com tanta velocidade que as ontologias não conseguem acompanhar as mudanças. É por isso que, explica Shirky, o paradigma de busca, simbolizado pelo buscador do Google, superou o paradigma de navegação por categorias do diretório do Yahoo (e, no Brasil, o do Cadê?). Enquanto o primeiro se vale dos *links* criados por usuários em seus *websites* para classificar o conteúdo, o segundo depende de um time de categorizadores profissionais.

Louis Rosenfeld, um categorizador profissional, concorda que os criadores do Flickr e do Del.icio.us conseguiram algo que os bibliotecários nunca haviam feito: fazer com que os metadados funcionassem em coleções de conteúdo dispersas e desconectadas. Entretanto, o resultado não se compararia ao obtido por um vocabulário controlado administrado por profissionais:

“(...) folcsonomias são certamente interessantes, suportando uma serendipidade na navegação que pode ser bem útil. Mas ela não suporta a busca e outros tipos de navegação tão bem como as provenientes de etiquetas de vocabulários controlados aplicados por profissionais. As folcsonomias não parecem chegar organicamente a termos preferidos ou conceitos ou mesmo evoluir em clusters de sinônimos. Elas dificilmente vão se desenvolver além de listas rasas e não acumularão as relações entre termos abrangentes e específicos que encontramos em tesouros.” (Rosenfeld, 2005, tradução livre)

Rosenfeld propõe a utilização das duas estratégias em conjunto, numa “Ecologia de Metadados”: através da *folcsonomia* emergiriam termos que seriam incorporados oficialmente por vocabulários controlados. Peter Morville, co-autor de Rosenfeld na redação de *Information Architecture for the World Wide Web* não é tão otimista em seu recente *Ambient Findability*:

“Esqueça tudo sobre ontologias e taxonomias. As folcsonomias são o futuro. Como David Weinberger coloca: ‘O jeito antigo é criar uma árvore. O novo agrupa as folhas em conjunto.’ E eu tenho que concordar com David. A metáfora é perfeita. Porque nós sabemos o que acontece com as belas pilhas de folhas em que nós arrastamos os pés durante o outono. Elas apodrecem. E elas retornam para o chão, para se tornar comida para as árvores, as quais vem em diversas formas e tamanhos e oferecem grande valor por um longo tempo. Seriam as folcsonomias ótimas para surfar o que o Technorati chama de World Wide Web? Elas são uma forma fantástica para identificar tendências e para revelar linhas de desejos. E como ferramentas de bookmarks pessoais, elas não são ruins para manter encontráveis as coisas que encontramos. Mas em se tratando de encontrabilidade, sua inabilidade para lidar com equivalência, hierarquia e outras relações semânticas fazem-nas falhar miseravelmente em qualquer escala significativa. Se forçado a escolher entre o novo e o velho, eu ficaria com a antiga árvore do conhecimento ao invés das folhas fugazes da popularidade de um dia qualquer.” (Morville, 2006, p.139, tradução livre)

Em resposta a Morville, David Weinberger cita em seu *Everything is Miscellaneous* as estratégias de contextualização das etiquetas via amostras probabilísticas feitas por computadores. Se muitas pessoas classificam uma página como “rio” e “copacabana”, o computador pode fazer uma relação probabilística entre as duas etiquetas. Ademais, se muitas páginas com a etiqueta “copacabana” estiverem etiquetadas também com “praia”, esta última pode ser associada a etiqueta “rio” e assim por diante, formando uma rede de associações inferenciais. O Flickr já consegue, através de técnicas como essas, diferenciar as fotos etiquetadas com “rio” que se

referem a rios, à cidade do Rio de Janeiro e às paisagens de entardecer em rios. O Flickr também consegue identificar as fotos que os usuários consideram mais interessantes contabilizando as fotos mais visualizadas, comentadas e favoritadas por estranhos, ou seja, os pontos advindos de um parente próximo não contam muito. É o chamado grau de *interestingness*.

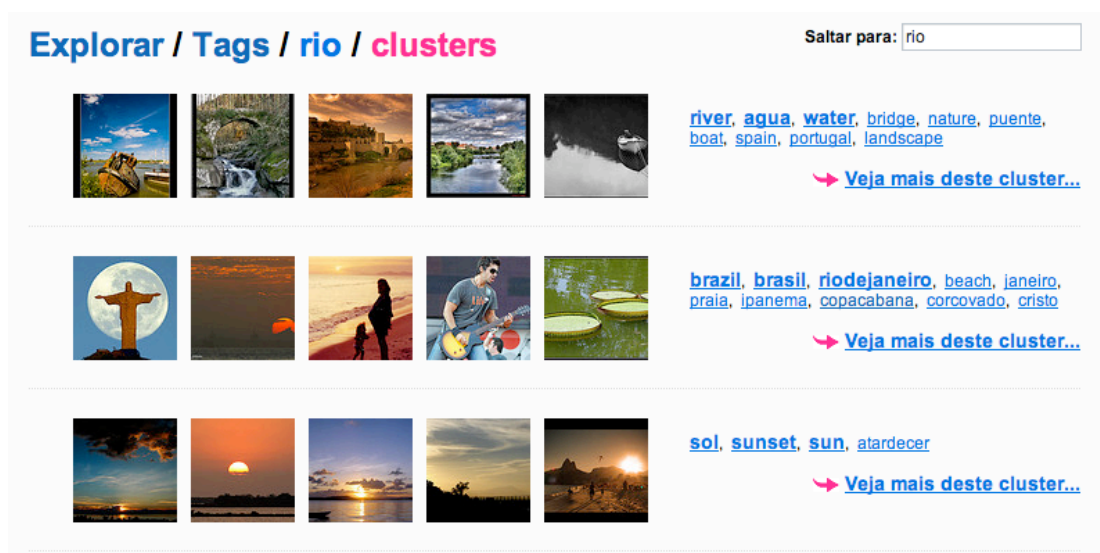


Figura 5 - Clusters para a etiqueta rio no Flickr

Esta ordem que surge da pura miscelânea não é fruto de uma inteligência artificial. O computador só está capturando as associações que as pessoas fizeram em conjunto. Observando exemplos como estes, Weinberger acredita que Morville pode estar errado:

“... as etiquetas podem se tornar mais úteis, mais significativas, mais relevantes e mais claras quanto mais etiquetas tivermos. Se for esse o caso, o poder de raciocínio cego que os computadores têm é só uma parte da explicação. Os algoritmos podem encontrar estas relações de significado porque, assim como todos os itens na sua gaveta da miscelânea da cozinha compartilham o fato de que são relacionadas a comida, os itens na miscelânea global compartilham uma vasta série de similaridades no que nós humanos nos importamos e como falamos sobre estas coisas. Os computadores podem agrupar [*cluster*] etiquetas somente porque os interesses humanos e expressões são agrupáveis.”
(Weinberger, 2007, p.168, tradução livre)

Weinberger acredita que a *folcsonomia* é uma das primeiras manifestações de um novo paradigma para a organização da informação e compartilhamento de conhecimento que está se estabelecendo na sociedade

graças às possibilidades oferecidas pelas redes de computadores interconectados. *Websites* como a Wikipedia tem relativizado a noção de conhecimento como algo estático, absoluto e de propriedade de *experts* privilegiados. Lojas virtuais como a Amazon.com demonstram que aceitar e publicar as críticas dos leitores sobre seus produtos é mais lucrativo do que enganá-los ou ocultar informações. As listas de reprodução (*playlists*) criadas por usuários e publicadas na loja do iTunes e Last.fm revelam a competência criativa e editorial dos consumidores de música.

Folcsonomia e identidade cultural

Além dos exemplos citados até aqui de participação popular na criação de conteúdo para a Web, existem iniciativas similares em outras mídias. No Brasil, por exemplo, as rádios comunitárias dão voz e identidade às comunidades esquecidas do interior e a revista Sou + Eu (Editora Abril) publica e remunera artigos escritos pelos leitores sobre assuntos de seu cotidiano.

Sobre a mudança na relação das pessoas com a mídia nos Estados Unidos, Henry Jenkins (2006) explica que, embora a cultura popular estivesse representada na mídia de massa, é a partir dos últimos anos que se torna real a possibilidade do indivíduo contribuir para a sua própria cultura, já que os meios de comunicação monopolizam o cenário da cultura há muitas décadas. Essa “abertura” da mídia tem deslocado a discussão do mecanismo pelo qual se transmitem mensagens em massa para as atividades cotidianas que dinamizam a cultura popular (Martín-Barbero, 1997). Ao invés de focar no impacto dos meios de comunicação na sociedade, os Estudos Culturais estão interessados em como as pessoas estão se apropriando, discutindo e subvertendo os meios de comunicação dentro de seus círculos sociais. Tal movimento é importante para essa perspectiva pois a cultura é considerada a dimensão constitutiva mesma da vida social.

Stuart Hall (1997) explica que as coisas não existem fora da cultura. Embora uma pedra exista fisicamente, independentemente de seu observador, ela só é cognoscível através de uma linguagem — que inclui a palavra “pedra” — e um sistema de classificação para as coisas — que diferencia pedra de madeira ou ferro. “O significado surge não das coisas em si — a realidade — mas a partir dos jogos de linguagem e dos sistemas de classificação nos quais as coisas estão inseridas. (...) A cultura é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas”. (p.29) Notando a importância da cultura para o controle da realidade social, organizações de todos os setores estão cada vez mais interessadas na regulação da cultura dentro de seus domínios. Existem várias formas de fazer isso: censura oficial, políticas culturais, competição no mercado de produtos culturais, manifestações populares e normas convencionadas por grupos sociais.

Os esforços de regulação se diferenciam pela origem e sentido de atuação: do topo de uma hierarquia social no sentido vertical de cima para baixo ou independente de hierarquia no sentido horizontal, eventualmente, partindo de baixo para cima. O movimento de regulação horizontal por vezes entra em conflito com o movimento vertical, ameaçando a sua autoridade. Algumas pessoas não acreditam na possibilidade de uma regulação horizontal, já que esta nunca se estabiliza, e taxam os movimentos horizontais de anárquicos e anti-reguladores.

Peter Morville é um desses céticos. Num artigo intitulado *Authority* publicado em seu *website*, Morville atribui a credibilidade da Wikipedia à hierarquia de moderação que emergiu entre os colaboradores da enciclopédia. Se alguém publica uma inverdade, logo aparece alguém para corrigir o erro e assim a enciclopédia mantém a consistência. Entretanto, Morville critica a apropriação do exemplo às avessas:

Nesse ambiente disruptivo, a emergência da Wikipedia como filho da publicação de baixo para cima e categorização colaborativa (juntamente com o relativo sucesso do Del.icio.us e do Flickr) tem inspirado um bando multi-colorido de sedentos anarquistas, anti-

taxonomistas e fetichistas da folcsonomia a prever não só o fim da publicação tradicional mas o fim da hierarquia ela mesma. (Morville, 2005, tradução livre)

A questão é que a sociedade global encontra-se de fato diante de tais dilemas. Como vimos, ao mesmo tempo em que a globalização cria uma cultura global, diferentes culturas transnacionais e localizadas clamam por espaço e reconhecimento na sociedade. Essas culturas se relacionam não por hierarquias ou sobreposição, mas sim pela hibridização múltipla promovida pelas pessoas que participam de diferentes culturas. No Flickr, um usuário pode participar desde grupos de dança indiana típica do estado de Orissa na Índia até grupos de amantes de antílopes da Patagônia sem dar um passo fora de casa. As experiências de interação com culturas diferenciadas desenvolve a linguagem, amplia as visões de mundo a que o indivíduo tem acesso, proporciona descobertas, derruba preconceitos e promove a reflexão. A vantagem do Flickr em relação a uma Revista National Geographic é que existe diversidade de pontos de vista em relação ao recorte da cultura. A forma como um brasileiro fotografa o carnaval brasileiro pode ser bem diferente da forma como um estrangeiro fotografaria e, no entanto, os dois recortes podem estar disponíveis no Flickr. Mais do que isso, uma mesma foto, seja tirada por um ou por outro, pode ser classificada e encontrada por diferentes perspectivas.



Figura 6 - Foto de mulher dançando samba tirada pelo usuário “Nonstop Place” do Flickr

Enquanto os estrangeiros etiquetam a foto como “girl” (moça), “party” (festa), “vacation” (viagem de férias) e “derriere” (vista de costas de uma pessoa), os brasileiros etiquetam como “bunda” e “popozuda” que, segundo o comentário sobre a foto deixado por um usuário, é “a cara do Brasil”. Enquanto as etiquetas estrangeiras descrevem objetivamente o conteúdo da festa, as etiquetas em português situam a foto na cultura. O termo “popozuda” passou de um vocábulo regionalizado à expressão conotativa utilizada em vários lugares do Brasil após a difusão nas rádios nacionais do Funk carioca que começa com a frase “Vai popozuda vai!..”. Quando se utiliza o termo “popozuda” numa conversa, é evocada a história da canção e o sentido dado a ela pela canção. A escolha por usar “popozuda” ao invés de “bunda” ou “nádegas” não é pelo seu valor denotativo, pois ambas indicam com mesma precisão o objeto referido, mas sim pelo seu valor conotativo. Roland Barthes diferencia a dimensão conotativa da denotativa deste modo:

“Qual o conteúdo da mensagem fotográfica? O que é que a fotografia transmite? Por definição, a própria cena, o real literal. (...) Existem outras mensagens sem código? À primeira vista, sim: são precisamente todas as reproduções analógicas da realidade: desenhos, pinturas, cinema, teatro. Mas, efectivamente, cada uma destas mensagens desenvolve de uma maneira imediata e evidente, além do próprio conteúdo analógico (cena, objecto, paisagem), uma mensagem complementar, que é aquilo a que se chama vulgarmente o estilo da reprodução; trata-se, então, de um sentido segundo, cujo significante é um certo «tratamento» da imagem sob a acção do criador, e cujo significado, quer estético, quer ideológico, remete para uma certa «cultura» da sociedade que recebe a mensagem. Em suma, todas estas «artes» imitativas comportam duas mensagens: uma mensagem denotada, que é o próprio analogon, e uma mensagem conotada, que é o modo como a sociedade dá a ler, em certa medida, o que pensa dela”. (Barthes, 1984, p.14-15),

A denotação, para Barthes, refere-se à natureza da imagem, à descrição pura do referido, independente de interpretações ou associações, enquanto a conotação refere-se ao significado da imagem em relação a um código cultural, incluindo suas múltiplas possibilidades de significação. É contra a equivalência entre tais possibilidades que Peter Morville dirige sua crítica sobre a *folcsonomia* que, segundo ele, dissolve conceitos como popularidade, poder, credibilidade, confiança e relevância num “festival

baquiano de anarquia semântica” (Morville, 2005). Barthes, entretanto, explica que a diversidade das leituras não é anárquica, pois depende do saber investido na imagem (saber prático, nacional, cultural, estético). O indivíduo recorre a diferentes léxicos — conjuntos de práticas e técnicas de uso da linguagem — para elaborar suas interpretações sobre a imagem. O código cultural a que o indivíduo recorre pode ser diversificado, mas nunca anárquico. Se a linguagem fosse anárquica, não haveria possibilidade de entendimento mútuo e, no entanto, o entendimento ocorre mesmo sem a presença de uma hierarquia controladora.

A Gramática Normativa e os dicionários são esforços verticais de regulação da cultura, mas estes não tem qualquer eficácia sobre a linguagem falada no cotidiano (Bagno, 2006). Sua eficácia está restrita à linguagem escrita e, assim mesmo, existe uma grande defasagem entre o que a norma especifica e o que as pessoas escrevem. A atualização da linguagem falada se dá pela interação entre os falantes: se a fala é adequada para o contexto, ela possivelmente será replicada em contextos similares futuramente. Foi precisamente assim que se propagou o termo “popozuda”. Enquanto o termo não figura em dicionários “oficiais” como o Aurélio, o Dicionário Informal, um *website* em que os próprios usuários definem os termos, dá a seguinte definição de “popozuda”:

“Mulher gostosa, com grande bunda e coxas grossas. Geralmente utilizado para denominar as mulheres que frequentam bailes funks e possuem essas características.”

Nota-se nesta definição a utilização de outros termos mais adequados para a conotação de “popozuda” em detrimento de termos pretensamente neutros como “bonita” e “região glútea de proporções maiores do que o comum”. Seria mais rica a descrição pretensamente neutra ou a descrição em termos contextualizados? Depende do que se considera rico. Se riqueza for a consistência com um corpo de definições estabelecidas, é preferível a descrição neutra; se riqueza for a aplicação pragmática da definição numa situação, é preferível usar termos “nativos”.

A ampla utilização de neologismos, palavras chulas e gírias como etiquetas em *folcsonomias* denota que os usuários destes sistemas não estão muito

preocupados com a consistência global do sistema de classificação. Entretanto, se observarmos a movimentação de regulação da cultura horizontal, essa utilização conota a intenção de pertencer a determinados grupo de falantes que possuem vocábulos próprios, a expressão da identidade do usuário em relação a estes grupos e a maximização das trocas lingüísticas dentro e fora dos grupos. A escolha das etiquetas para registrar a visão do indivíduo sobre um determinado recurso a ser catalogado é um ato de identificação com um grupo, mesmo que o indivíduo não esteja consciente disso. Tomemos como objeto de discussão uma entrevista realizada com o profissional de Internet Marco Gomes sobre sua apropriação da *folcsonomia*.

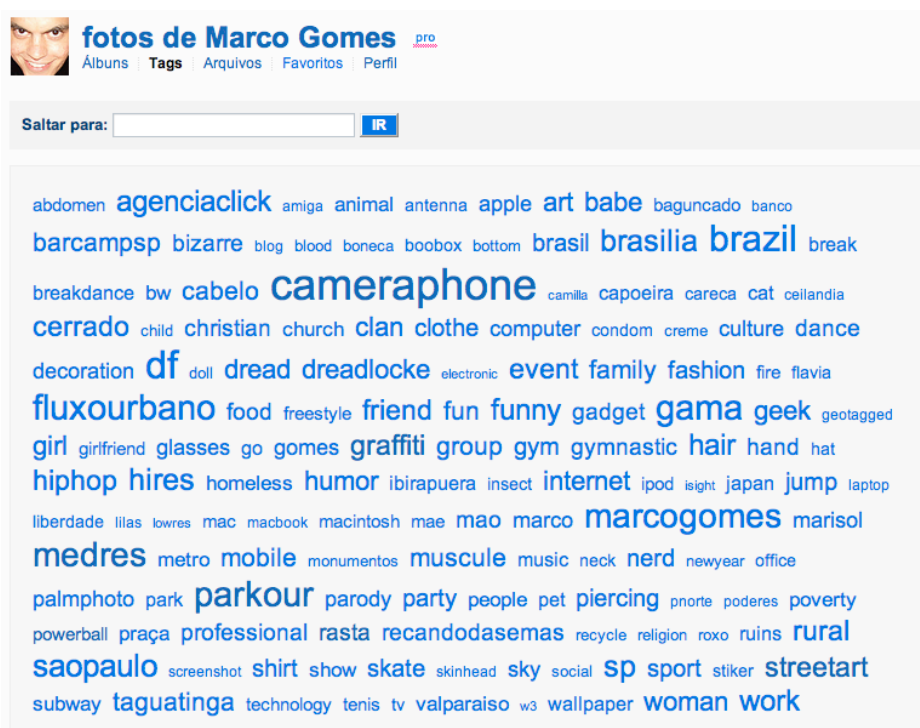


Figura 7 – Nuvem de etiquetas de usuário do Flickr expressa sua identidade cultural

Tanto no Flickr, quanto no Del.icio.us, é possível exibir as etiquetas mais empregadas pelo usuário num modo de visualização chamado “nuvem de etiquetas” (*tag cloud*), sendo proporcional o peso visual das etiquetas à frequência de uso. Questionado sobre a identidade projetada por sua nuvem de etiquetas (figura 7), Marco Gomes acha que, apesar dela não refletir

todos os aspectos de sua identidade e não se atualizar tão rapidamente quanto, serve como um rascunho aproximado:

“Analisando essa tagcloud como se fosse de um desconhecido (sem pensar que é minha tagcloud):

- alguém que tira fotos com celular, ou seja, potencialmente um gadget freak (louco por equipamentos portáteis)
- morador do DF e com alguma ligação com São Paulo
- com muitas fotos de Parkour (portanto, praticante aficcionado de exercícios físicos)
- gosta de cultura de rua, como hip-hop e streetart
- tem muitas fotos de mulheres, a contar pelas tags 'woman', 'babe', 'girl'
- e tem alguém muito importante que se chama 'flávia', talvez uma namorada ou esposa”

Marco Gomes explica que, na medida em que foi usando o Flickr e o Del.icio.us, definiu critérios pessoais para suas classificações:

“... eu criei um "sistema mental" de tagging, já sei que tags usar para meninas bonitas, para coisas nerd, para textos academicos. E isso não é usado só no Flick, uso tbem no del.icio.us, no meu blog, no Adobe LightRoom (software organizador de fotos), no iTunes, no Last.fm e qualquer outro sistema que aceite tags, ou seja, o sistema de tagging é "meu" e não do serviço que estou usando.”

A *folcsonomia* foi apropriada a ponto de se tornar uma estratégia pessoal, independente de um sistema em particular. No momento de etiquetar algo, Marco Gomes recorre ao seu próprio vocabulário de etiquetas e, se não encontra etiquetas satisfatórias, o vocabulário pode ser imediatamente atualizado:

“Eu considero mais as sugestões do serviço (baseadas nas escolhas das outras pessoas) quando estou me enveredando em assunto que pra mim é novo, como quando comecei a pesquisar sobre produtividade, sempre olhava as tags "recomendadas" pra saber como as pessoas classificavam aquele texto: productivity, gtd, diy, tool, procrastination. A partir dessas sugestões eu vou inserindo as tags no meu sistema ‘mental’.”

Podemos concluir, em vista dos diferentes exemplos citados, que os vocabulários criados pelos usuários das *folcsonomias* não são descontrolados. Existe controle, mas este não é centralizado nem forçado. Tratam-se de movimentos reguladores da cultura no sentido horizontal, que se espriam pelos laços da rede social do indivíduo. O indivíduo tem o livre arbítrio para não se submeter e até mesmo subverter o controle a despeito

de quaisquer sanções, como é o caso dos grupos do Flickr que adotam regras rígidas de classificação.

Propusemos aqui que as escolhas do indivíduo seguem suas intenções de identificação cultural e a liberdade oferecida permite a convivência e interação entre diferentes grupos sociais que habitam os sistemas, sem que seus movimentos de regulação da cultura se tornem hegemônicos. Em outras palavras, a *folcsonomia* oferece um balanço de poder entre grupos e indivíduos flexível o suficiente para acomodar as ambições de ambos em relação aos desafios de identificação num mundo globalizado.

Considerações finais

A *folcsonomia* demonstra ser uma estratégia viável para a classificação de informações em redes sociais, principalmente, por sua flexibilidade em acomodar a diversidade cultural que tais redes se propõem a acolher. O baixo esforço exigido para classificar as informações em relação aos benefícios individuais e sociais que ela proporciona tornam a estratégia sedutora também para o usuário. A *folcsonomia* media a relação do indivíduo com a esfera particular e pública de sua vida sem, no entanto, resolver as contradições que existem entre elas como, por exemplo, as diferentes identidades projetadas para o público e a indefinição da identidade “verdadeira”. As etiquetas são, portanto, vocábulos de uma linguagem sintética utilizada para descrever e contextualizar determinados recursos que o usuário deseja arquivar e compartilhar com outras pessoas. Esta linguagem, embora não esteja submetida a um controle superior, é delineada pelos códigos culturais relevantes às interações vividas pelo usuário. O controle acontece horizontalmente, ou seja, os laços das redes sociais ora reforçam certas práticas, ora desencorajam outras, num movimento similar a uma reação em cadeia complexa. O fato de existirem diferentes possibilidades de interpretações em cada interação não torna o processo anárquico, já que existe a referência segura do contexto para situá-la e restringi-la. Na verdade, é comum a consensualização ou

imposição de certas regras para usos de etiquetas dentro de grupos de usuários dos sistemas que adotam a *folcsonomia*. Devido à liberdade de adaptação permitida, as pessoas se apropriam da *folcsonomia* para usos criativos não previstos pelo sistema como: organização de tarefas, jogos, expressão opinativa, performance e protesto (Zollers, 2007).

Para entender o fenômeno da *folcsonomia*, é preciso, em primeiro lugar, considerar que todas as pessoas são capazes de classificar e organizar informações, ou seja, a tarefa de arquitetura da informação não é privilégio de categorizadores profissionais; em segundo lugar, é preciso aceitar que vocabulários controlados não são aplicáveis a qualquer domínio, como é o caso das redes sociais, nas quais um único vocabulário controlado seria insuficiente e inadequado; terceiro, é preciso perceber que a ordem pode emergir de baixo para cima, se propagando pelos lados, de grupo em grupo.

A alegoria que melhor ilustra a cultura da *folcsonomia* não é algo como um “vocabulário descontrolado”, nem tampouco uma “anarquia da informação”, mas sim um autêntico “samba do crioulo doido”. Esta expressão é usada atualmente para denotar agrupamentos de coisas não relacionadas e conotar absurdo. Sua origem data dos primeiros anos de regime militar, quando o jornalista Sérgio Porto, mais conhecido pelo pseudônimo Stanislaw Ponte Preta, compôs a canção “Samba do Criolo Doido” para ironizar a sofisticação dos sambas-de-enredo, que estavam ficando tão complicados que os integrantes das escolas não conseguiam acompanhar, bem como criticar os acontecimentos absurdos do cenário político da época.

“Este é o samba do crioulo doido.

A história de um compositor que durante muitos anos obedeceu o regulamento, e só fez samba sobre a História do Brasil. E tome de Inconfidência, abolição, proclamação, Chica da Silva, e o coitado do crioulo tendo que aprender tudo isso para o enredo da escola. Até que no ano passado escolheram um tema complicado: a atual conjuntura. Aí o crioulo endoidou de vez, e saiu este samba:

Foi em Diamantina onde nasceu J.K.

E a princesa Leopoldina lá resolveu se casar

Mas Chica da Silva tinha outros pretendentes
 E obrigou a princesa a se casar com Tiradentes
 Laiá, laiá, laiá, o bode que deu vou te contar
 (...)”

A letra do “Samba do Crioulo Doido” parece, a princípio, sem sentido. Juscelino Kubitschek não nasceu em Diamantina, nem tampouco a princesa Leopoldina casou-se com Tiradentes. Entretanto, essa junção inusitada de fatos históricos adquire um sentido outro, um sentido conotado. Na verdade, são vários sentidos. Além da crítica aberta aos sambas-de-enredo, tem também uma crítica sutil ao regime militar, que tomava figuras da história brasileira como heróis de um nacionalismo que homogeneizava a diversidade cultural brasileira, e ao próprio povo brasileiro, por seu desconhecimento da própria história. Analogamente ao “Samba do Crioulo Doido”, a *folcsonomia* surge num momento em que a homogeneização da Internet parecia o único caminho possível para o entendimento mútuo das diferentes culturas que se utilizam dela para se comunicar. Ela demonstra que é possível conviver com a diversidade cultural sem homogeneizá-la e, ainda, que é possível encontrar sentido na miscelânea, em especial, se forem levados em conta seus contextos de origem. Dentro dessa perspectiva, a *folcsonomia* não é só uma estratégia de classificação de informações; é também uma estratégia de identidade cultural na qual as pessoas podem encontrar-se a si mesmas e outras pessoas com quem se identificam.

Referências bibliográficas

- Bagno, Marcos. **Preconceito Linguístico**. Edições Loyola, 2006;
- Barthes, R. **O óbvio e o obtuso**. Editora Nova Fronteira, Rj, 1990;
- Hall, Stuart. A centralidade da cultura: Notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, jul.-dez. 1997, vol. 22, nº 2, p. 17-46;

Jenkins, Henry. **Convergence Culture: Where Old and New Media Collide**. New York University Press, 2006;

Marlow, Mor Naaman; danah boyd; Marc Davis. HT06, Tagging Paper, Taxonomy, Flickr, Academic Article, ToRead. **Cameron Proceedings of Hypertext 2006**, New York: ACM Press, 2006. Disponível em <<http://www.danah.org/papers/Hypertext2006.pdf> >

Martín-Barbero, Jesus. **Dos meios às mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia**. Editoria UFRJ, 1997;

Martín-Barbero, Jesus. **Ofício de Cartógrafo: Travessias Latino-Americanas da Comunicação na Cultura**. Edições Loyola, 2002;

Morville, Peter. Authority in **Semantics**. 2005. Disponível em <<http://semanticstudios.com/publications/semantics/000057.php>>

Morville, Peter. **Ambient Findability: What We Find Changes Who We Become**. O'Reilly Books, 2006;

O'Reilly, Tim. **What is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the next Generation of Software**. Disponível em <<http://www.oreillyn.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>

Rosenfeld, Louis. Folksonomies? How about Metadata Ecologies? In **Bloug**. 2005. Disponível em <http://www.louisrosenfeld.com/home/bloug_archive/000330.html>

Simha, Rashmi. A cognitive analysis of tagging (or how the lower cognitive cost of tagging makes it popular) in **Rashmi Simha: thoughts on technology, design & cognition**, 2005. Disponível em <http://www.rashmisinha.com/archives/05_09/tagging-cognitive.html>

Simha, Rashmi. A social analysis of tagging (or how tagging transforms the solitary browsing experience into a social one) in **Rashmi Simha: thoughts on technology, design & cognition**, 2006. Disponível em <http://www.rashmisinha.com/archives/06_01/social-tagging.html>

Shirky, Clay. **Ontology is Overrated: Categories, Links, and Tags in Clay Shirky's Writings About the Internet**, 2005. Disponível em

<http://www.shirky.com/writings/ontology_overnated.html>

Vander Wal, Thomas. **Folksonomy Coinage and Definition in Off the Top**. 2007. Disponível em <<http://www.vanderwal.net/folksonomy.html>>

Weinberger, David. **Everything is Miscellaneous: The Power of the New Digital Disorder**. Times Books, 2007;

Zollers, Alla. **Emerging Motivations for Tagging: Expression, Performance, and Activism**. Position paper: Tagging and Metadata for Social Information Organization in WWW2007, Alberta, Canada, 2007. Disponível em: <http://www2007.org/workshops/paper_55.pdf>;